

JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO
DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:
ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"
Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 98-112
DOI: 10.5281/zenodo.22282088



QUALIS
A2



**ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA POR MEIO DOS CONTOS NÓIS
MUDEMO E A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER:
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA¹**

**TEACHING LINGUISTIC VARIATION THROUGH THE SHORT STORIES
NÓIS MUDEMO AND A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER:
A PEDAGOGICAL PROPOSAL**

Franklin Yago de Souza HIPOLITO²
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: franklin.hipolito@ufnt.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8744-985X>

Francisco Edviges ALBUQUERQUE³
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: fedviges@uol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

RESUMO

O trabalho apresenta uma proposta didática de ensino da Variação Linguística por meio dos contos *Nóis mudemo* e *A gente combinamos de não morrer*. O estudo surge a partir de nossas inquietações em relação ao preconceito linguístico que, a despeito da heterogeneidade linguística brasileira, ainda é muito comum em nosso país e afeta principalmente os grupos minorizados, a exemplo das personagens das obras em estudo. Assim, por acreditarmos no potencial humanizador da literatura e na tentativa de aliar os eixos leitura, escrita e oralidade, propomos uma abordagem dos referidos contos como uma forma de contribuir para a formação de educandos sensíveis às diferenças e que não perpetuem estigmas e preconceitos arraigados em nossa sociedade.

¹ COMO CITAR: (ABNT): HIPOLITO, F. Y. S.; ALBUQUERQUE, F. E. Ensino da Variação Linguística por Meio dos Contos Nóis Mudemo e a Gente Combinamos de Não Morrer: Uma Proposta Pedagógica. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 98-112. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

² Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT/UFNT. Mestre e graduado em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. E-mail: franklin.hipolito@ufnt.edu.br

³ Universidade Federal do Norte Tocantins UFNT. Possui mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999) e doutorado em Letras Universidade Federal Fluminense pela Universidade Federal Fluminense (2007). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação escolar indígena, língua Apinayé, interculturalidade e educação indígena. Professor de Curso de Educação continuada para os Professores indígenas e não indígenas da Educação Básica do estado do Tocantins, no período de 2002 a 2010. E-mail: fedviges@uol.com.br.

Palavras-chave: Heterogeneidade linguística. Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work presents a didactic proposal for teaching Linguistic Variation through the short stories "Nóis mudemo" and "A gente combinamos de não morrer". The study arises from our concerns regarding linguistic prejudice which, despite the linguistic heterogeneity of Brazil, is still very common in our country and mainly affects minority groups, such as the characters in the works under study. Thus, believing in the humanizing potential of literature and in an attempt to combine the axes of reading, writing and orality, we propose an approach to these short stories as a way to contribute to the formation of students sensitive to differences and who do not perpetuate stigmas and prejudices ingrained in our society.

Keywords: Linguistic heterogeneity. Linguistic variation. Portuguese language teaching.

INTRODUÇÃO

O Brasil, assim como outros países que foram colonizados pelos europeus, não têm como língua oficial a língua de seus povos originários. Mais do que isso, muitas das centenas de línguas que haviam aqui foram dizimadas pelos portugueses, que impuseram a sua língua aos povos indígenas.

Esse contexto histórico é fundamental para entendermos e valorizarmos a heterogeneidade linguística, que é inerente ao nosso país, pois ao contrário do que defendem os puristas, a língua portuguesa não é homogênea, ela sofre variação e mudança.

Para muito além disso, o Brasil é um país plurilíngue, de modo que essas línguas se misturam, criando até uma outra, como é o caso do português indígena.

Ademais, há também a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e as diversas línguas dos imigrantes que aqui vivem.

Toda essa realidade linguística nos mostra que a diversidade linguística, assim como a diversidade cultural, étnica, religiosa e tantas outras, deve ser reconhecida e respeitada, sendo a escola um dos primeiros espaços em que se deve propor esse debate.

Pensando nisso, apresentamos, neste trabalho, uma proposta didática de ensino da Variação Linguística por meio dos contos *Nóis mudemo* e *A gente combinamos de não morrer*.

Assim, por acreditarmos no potencial humanizador da literatura (Candido, 1995) e na tentativa de aliar os eixos leitura, escrita e oralidade, propomos uma abordagem dos referidos contos como uma forma de contribuir para a formação de educandos sensíveis às diferenças e que não perpetuem estigmas e preconceitos arraigados em nossa sociedade.

A Sociolinguística e sua Importância para os Estudos da Linguagem

O termo Sociolinguística surgiu pela primeira vez no ano de 1939, no artigo intitulado *Sociolinguistics in India* (Salomão, 2011).

No entanto, a Sociolinguística, da forma que conhecemos hoje, só começou a se firmar, efetivamente, em 1964, quando 25 pesquisadores reuniram-se em uma conferência na UCLA para discutir os rumos dessa ciência e, principalmente, seu objeto de estudo (Soares, 2008).

Em outras palavras, Etto e Carlos (2018) explicam:

A partir de 1960, a Sociolinguística reivindicou sua posição de campo específico de estudo, e acabou apresentando duas vertentes distintas para se referir a essa área que relaciona língua e sociedade. Uma delas denominou-se **sociolinguística propriamente dita**, na qual linguistas e antropólogos teriam como objetivo a descrição e análise da língua na sua relação direta com fatores sociais, ou seja, a influência de elementos socioculturais no fenômeno linguístico. A outra ramificação, a **sociologia da linguagem**, teria como foco estudar e compreender a influência da linguagem no comportamento de uma sociedade, onde cientistas sociais e alguns linguistas procurariam interpretar o efeito da língua na sociedade (Etto; Carlos, 2018, p. 721-722, grifos nossos).

Transitando na interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia e tendo como foco a correlação entre língua e sociedade, a Sociolinguística investiga os usos concretos da língua, especialmente partindo do pressuposto de que esses usos são heterogêneos.

Acerca dessa interdisciplinaridade inerente à Sociolinguística, Etto e Carlos (2018) observam que:

A Antropologia colaborou com seus conhecimentos de etnografia, a Sociologia com seu cabedal teórico-metodológico e a Linguística com suas teorias sobre a linguagem, e a união de pesquisadores dessas três áreas do conhecimento muito cooperou para o fortalecimento do que conhecemos hoje como Sociolinguística (Etto; Carlos, 2018, p.722).

Percebemos então que, uma vez que foi formada pela junção dessas três áreas do conhecimento, a Sociolinguística se firmou como uma disciplina na qual o aspecto

social, assim como o linguístico, deve ser considerado em suas investigações. Em outras palavras, para a Sociolinguística, por seu caráter interdisciplinar, o social e o linguístico não se separam.

Em se tratando de Sociolinguística Variacionista, a qual é o interesse deste trabalho, mister trazer, mesmo que brevemente, as contribuições de Wiliam Labov, considerado o precursor dessa disciplina.

Em sua dissertação de mestrado, cuja investigação foram as variantes do Inglês, utilizando, como *locus* de pesquisa, a Ilha de Martha's Vineyards, localizada no estado americano de Massachussets, Labov (1963) analisou a relação entre fatores sociais tais como sexo, etnia, ocupação, faixa etária e a linguagem, mais especificamente em seu aspecto fonológico, por meio dos ditongos *au* e *ay*, daquela população da Ilha.

Uma das principais e talvez mais importantes constatações a que Labov chegou, nesse estudo, foi de que os ditongos *au* e *ay*, utilizados por falantes nativos da Ilha, eram uma forma destes contraporem-se às formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que frequentavam a Ilha.

Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua presença uma invasão cultural e econômica, portanto, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos (Etto; Carlos, 2018, p.723).

Percebemos, a partir dessa pesquisa de Labov, o quanto o fator social está relacionado à língua, pois, como mostra o referido autor, esses falantes nativos faziam uso do *au* e do *ay* para marcar seu posicionamento político-ideológico-social, mesmo a pronúncia deles não estando de acordo com a norma padrão.

Além dessa importante investigação, Labov desenvolveu muitas outras, a exemplo da que foi feita nas lojas de variedades de Nova York, em que estudou o tratamento da variável *r* em posição pós-vocálica em palavras como *car*, *card*, *four* e *fourth*.

Mesmo não sendo o primeiro estudioso a se interessar por investigar a variação na fala, Labov foi o primeiro a desenvolver e aplicar uma metodologia que, efetivamente, se debruçou sobre a fala urbana a fim de investigar sua variação.

Sob esse viés, Coan e Freitag (2010, p.175) observam que “A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*).”

A Sociolinguística no Brasil

Assim como outras vertentes linguísticas, a Sociolinguística surge no Brasil e no mundo a partir do século XX, momento no qual essa ciência avançou no sentido de não mais considerar a língua em sua estrutura apenas, ou seja, passou a adotar outros olhares e estudos acerca da língua.

Assim, juntamente com a Linguística Textual, Análise do Discurso, entre outras, a Sociolinguística surge para tentar dar conta de estudar os fenômenos linguísticos, os seus usos - oral e escrito -, as suas variedades, as relações de poder que se estabelecem por meio da interação, os mecanismos linguísticos usados para agir sobre o outro a partir da língua, entre outros fatores.

Sob esse viés, Mollica (2003) assevera que todas as línguas apresentam um caráter dinâmico que é inerente delas, o que significa dizer que há heterogeneidade na língua. A autora cita o exemplo do pronome tu, o qual é muito comum na região Sul do país, enquanto em outras é mais comum o uso do pronome você.

A referida autora cita ainda os exemplos de “framengo”, “andano”, “paia”, os quais coexistem com “flamengo”, “andando” e “palha”, no falar de determinadas regiões do país. Esses são apenas alguns dos muitos exemplos que corroboram a assertiva de que as línguas sofrem variação em diferentes níveis.

É diante desse cenário que a Sociolinguística entende a variação como um fenômeno geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Quanto às motivações de alternância dos usos, estes são motivados por fatores estruturais e sociais (Mollica, 2003).

Para a Sociolinguística, as variantes linguísticas não são um fenômeno gerado pelo acaso, muito menos uma escolha consciente do falante, pelo contrário, “[...] tais fenômenos se devem a condicionamentos que funcionam como restrições ou regras identificáveis por uma metodologia de pesquisa que leve em conta a natureza reguladora dos usos linguísticos.” (Soares, 2008, p.30)

Desse modo, deve-se ressaltar que, mesmo tendo chegado no Brasil ainda no século XX, a primeira tradução de uma obra de Wiliam Labov só foi realizada em 2006, tratando-se, pois, da obra *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística* (Freitag, 2016).

Ainda assim, Freitag (2016) lembra-nos que a Sociolinguística variacionista é uma das áreas de pesquisa mais abrangentes e produtivas do Brasil, o que mostra a importância e relevância desse campo de estudos para as Ciências da Linguagem.

Desse modo, é por considerar que a língua não é homogênea, mas sim heterogênea que a Sociolinguística Variacionista ocupa-se da variação e mudança linguística no contexto da comunidade de fala.

Podemos então afirmar que a Sociolinguística se caracteriza “[...] por sua operacionalização em bancos de dados linguísticos. São amostras sistematizadas de língua, coletadas em um universo definido como comunidade de fala.” (Freitag, 2016, p.452)

Os Tipos de Variação

Dois conceitos importantes para se compreender a variação linguística são os de variável e variante. Assim, a primeira diz respeito ao conjunto de diferentes formas de realizar um mesmo fonema, palavra, etc., enquanto a segunda se refere a cada uma das formas dessa realização (Calvet, 2002).

Passemos, então, para os tipos de variação linguística. Desse modo, a primeira variação a ser trazida aqui é a geográfica - ou diatópica - que consiste nas diferenças linguísticas perceptíveis entre falantes de regiões diferentes do mesmo país ou de países diferentes (Görski; Coelho, 2009).

No Brasil, por exemplo, é perceptível essa variação quando dois falantes de regiões diferentes interagem, pois em cada uma dessas regiões encontramos essa variação em diferentes níveis da língua, como observam Görski e Coelho (2009, p.77):

As variações regionais ocorrem em todos os níveis linguísticos, como podemos observar nos exemplos a seguir: (i) no plano fonético-fonológico – as vogais /e/ e /o/ pretônicas, como nas palavras “serrado” e “novela”, são pronunciadas como vogais abertas (é, ó) no nordeste e como vogais fechadas (ê, ô) no sudeste e no sul; (ii) no plano morfológico – o sufixo derivacional –(z)inho agregado à palavra pai resulta em painho na Bahia e paizinho nas demais regiões do Brasil; (iii) no plano sintático – a posposição da negação como em vou não é típica do nordeste, a dupla negação como em não vou, não é comum no sudeste (especialmente no Rio de Janeiro), e a anteposição da negação como em não vou é preferida no sul; (iv) no plano lexical – as palavras pandorga, papagaio e pipa marcam diferenças regionais entre os falantes; (v) no plano discursivo – facilmente associamos o bah ao gaúcho, o não tem ao florianopolitano, o ôrra meu ao paulista, o me’rmão ao carioca, o pronto ao nordestino, e assim por diante.

Já a variação social - também conhecida como diastrática - se refere à origem socioeconômica dos falantes. Aqui, são considerados também fatores como idade, gênero, grau de formação, profissão, etc.

Sob esse viés, Görski e Coelho (2009 p.77) observam que tanto a variação geográfica quanto a variação social “estão intimamente associadas às forças internas que promovem ou impedem a variação e a mudança e à identidade do falante.” Assim,

para as autoras, é como se ao falar, o sujeito já informasse a sua origem geográfica e social.

Por último, a variação estilística - também chamada de contextual ou de registro - é aquela em que o falante vai adequando a sua linguagem, as suas escolhas lexicais de acordo com a situação comunicativa, ou seja, se ele está em uma situação formal, a sua linguagem passa a também ser formal. Por outro lado, se a situação for de informalidade, como entre familiares e amigos, o falante utiliza uma linguagem coloquial, sem fazer uso de um monitoramento linguístico.

A variação estilística é regulada pelos domínios em que se dão as práticas sociais (escola, igreja, lar, trabalho, clube, etc), pelos papéis sociais envolvidos (professor/aluno, pai-filho, patrão-empregado, etc), pelo tópico (religião, esporte, brincadeiras, etc). O grau de variação será maior ou menor dependendo desses fatores. Na sala de aula, por exemplo, os professores tendem a usar uma linguagem mais monitorada do que os alunos. Esse monitoramento também está associado aos tipos de eventos (Görski; Coelho, 2009, p.78).

104

Depreendemos, então, que a língua sofre diversos tipos de variação e que, muitas vezes, só são percebidas quando estamos diante de um falante de uma região ou origem social diferente, ou ainda quando precisamos adequar nossas escolhas lexicais à situação comunicativa, pois são nesses momentos que o diferente, aquilo que varia do que consideramos “comum”, se impõe para nós.

Outrossim, falar de variação linguística leva-nos a refletir sobre o preconceito linguístico, do qual muitas pessoas, seja pelo fator geográfico, seja pelo fator social, sofrem diariamente no país. A esse respeito, Bagno (1999) observa que o preconceito linguístico é, antes de tudo, um preconceito social, ou seja, quem pratica esse tipo de discriminação não ataca apenas a língua do outro falante, mas sobretudo a sua origem, o lugar de onde ele veio, sua cultura e sua identidade.

Podemos dizer, portanto, que o preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela, contra os que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros. Existe na mentalidade dos brasileiros em geral, e das camadas cultas em particular, a convicção muito arraigada de que no Brasil ninguém fala bem o português, e de que só os portugueses é que sabem português. No plano individual, é muito comum ouvir a afirmação absurda proferida por pessoas cultas e com escolaridade superior completa: “eu não sei português” (Bagno, 2001, p. 39).

Desse modo, percebemos que o preconceito linguístico está fortemente arraigado à nossa sociedade e que os que mais são afetados por ele são as pessoas de menor grau de escolaridade e aquelas de regiões historicamente estigmatizadas, como as regiões Norte e Nordeste.

Sociolinguística Educacional

Sociolinguística Educacional, como sugere o próprio nome, é o ramo da Sociolinguística que se volta para o ensino e aprendizagem de língua, ou seja, sua ocupação é propor caminhos metodológicos para que a heterogeneidade linguística seja trabalhada de forma adequada na educação básica, a fim de contribuir para a formação de educandos sensíveis às diversidades linguísticas.

Também é papel da Sociolinguística educacional apontar falhas no ensino de língua no que diz respeito à abordagem da gramática normativa, quando esta se sobrepõe aos demais eixos de ensino, principalmente às variações linguísticas, que são inerentes à língua.

Conforme Cyranka (2011, p.144):

A Sociolinguística, considerando a contraparte social da linguagem, oferece o caminho para o tratamento adequado da heterogeneidade linguística na escola. Para essa ciência, a variação e a mudança linguísticas são processos naturais e têm motivações várias, entre elas, a identidade dos falantes dentro de seu grupo social e até mesmo de localidade geográfica.

Conforme elucida a referida autora, a língua está atrelada à identidade do falante, portanto quando essa língua é atacada, por conseguinte quem a utiliza também é, o que se configura como uma ofensa não só ao indivíduo, mas a todo o seu grupo social.

Faraco (2007) aponta que o nosso desafio é construir uma pedagogia da Variação Linguística que não escamoteie a realidade linguística do nosso país, que é multilíngue. Para o autor, deve haver um ensino de língua que “[...] abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação” (Faraco, 2007, p. 47).

Nessa mesma direção, Bortoni-Ricardo (2005, p.128) assevera que “É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos”.

No entanto, desde a inserção do ensino de Língua Portuguesa na educação básica até os dias de hoje, ainda há, a despeito das contribuições da Sociolinguística Educacional, um enfoque maior no ensino de gramática normativa - muitas vezes de forma descontextualizada - em detrimento do enfoque em outras competências linguísticas, o que faz com que os aprendizes, além de não dominarem essa norma padrão, ainda saíam da escola reproduzindo uma visão de língua homogênea.

Prova disso é que em nosso país o preconceito linguístico ainda é muito forte e, com a chegada da *internet*, ele se amplifica por meio de *posts*, *memes*, vídeos, etc., que são produzidos a partir da fala ou da escrita de alguém que falou/escreveu “errado”.

Fato é que há, na maioria das pessoas, uma sensação de autoridade para apontar o erro linguístico do outro, de fazer piadas, de ridicularizá-lo pela sua forma de falar e/ou escrever. E isso se dá, em grande medida, em razão da formação que esses sujeitos recebem na escola, pois foram levados a acreditar em uma língua homogênea, cuja única forma de uso é a padrão.

Concordamos então com Oliveira e Cyranka (2014) ao afirmarem que a escola leva os aprendizes a fazerem exercícios de metalinguagem, mas pouco trabalha exercícios de uso concreto da língua, que aproximem os alunos, que mostrem que a gramática já está inserida nas interações deles.

Dessa forma, a escola impede o avanço dos educandos, uma vez que “prioriza o ensino descritivo do português através da norma padrão e de exercícios meramente estruturais sem finalidade objetiva, o que não o torna competente no domínio das variedades prestigiadas de seu idioma” (Oliveira; Cyranka, 2014, p.81).

Como nos diz Neves (2014) a gramática normativa nasce com um objetivo político e social, o de modelar, de ser um modelo a ser seguido. E sob essa perspectiva, cabia aos educandos seguirem os modelos de escrita, que eram os grandes escritores.

Esse ensino, de forma coercitiva, que impõe um único modelo de uso da língua, acaba criando um trauma em muitos dos aprendizes, que se veem incapazes de alcançá-lo. Mais do que isso, eles passam a enxergar a variedade que trazem de casa errada, inadequada, passando a adotar um monitoramento linguístico em situações em que não há necessidade.

Por outro lado, quando há um ensino de gramática apoiado nos usos reais da língua, quando os alunos compreendem a variação linguística, quando eles aprendem a adequar a língua à situação comunicativa, além de saírem da escola com suas competências linguísticas consolidadas, se tornam falantes que não reproduzem preconceito linguístico.

Tal perspectiva de ensino de língua vai ao encontro do que preconizam os PCN (1998, p. 31):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que

modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Notamos, então, que já havia, desde a década de 1990, essas diretrizes para o ensino de língua voltado para a heterogeneidade linguística, em que deveria se ensinar aos aprendizes adequar as competências linguísticas a diferentes contextos comunicativos.

Vejamos então o que diz a BNCC (Brasil, 2017, p.67):

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas.

107

É de interesse do referido documento que os aprendizes desenvolvam competências comunicativas a diferentes esferas de atividades, ou seja, que eles saibam adequar seu uso linguístico a qualquer contexto comunicativo. Para isso, a BNCC destaca a abordagem dos gêneros textuais e discursivos, ou seja, que essa abordagem de gramática se dê a partir da língua em uso. Ademais, preconiza a abordagem da leitura e produção textual.

Diante disso, percebemos que os documentos oficiais estão alinhados à Sociolinguística Educacional, o que corrobora a importância dessa vertente para o ensino e aprendizagem de língua.

Proposta Pedagógica

É por concordarmos com Candido (1995), quando este afirma que a literatura tem um caráter humanizador e, portanto, pode contribuir para a formação dos sujeitos, e também na tentativa de articular os eixos leitura, produção textual e análise linguística, que trazemos como proposta o uso de textos literários para se ensinar a Variação Linguística.

Acreditamos que, ao terem contato com o texto literário, ao lerem a história ficcional e se conectarem com as personagens, ao visualizarem as cenas, os alunos chegarão ao tema pela emoção, ou seja, serão atravessados pela heterogeneidade linguística e pela reação daqueles que não a aceitam e, por conseguinte, agredem os que “falam errado”.

Dessa forma, nossos alunos, pela empatia que será provocada pelas narrativas lidas, conseguirão se imaginar vivendo aquelas violências; eles conhecerão os possíveis impactos do preconceito linguístico.

Em *Nóis mudemo*, temos a história de um adolescente da Zona Rural que, ao começar a frequentar a escola, vê a sua forma de falar virar piada entre os colegas de turma.

Tamanho é o trauma causado pelo preconceito linguístico que Lúcio abandona a escola e acaba tendo de enfrentar muitas dificuldades ao longo da vida, sendo vítima até de trabalho análogo à escravidão.

Como nos ensina Cyranka (2011), a língua faz parte da identidade do falante, portanto ao atacarem Lúcio, os colegas - e até mesmo a professora - estão atacando ele também, ou seja, estão ofendendo sua origem, sua história de vida.

Assim como ele, sabemos que muitos brasileiros, por não terem acesso à educação, acabam sofrendo exclusão social, se tornam pessoas marginalizadas, estigmatizadas, tendo que se submeter a trabalhos que as exploram e são as que mais sofrem preconceito linguístico.

No Brasil ainda há muitos Lúcios, pessoas que por diversas razões, tiveram de abandonar a escola, ou que nem tiveram acesso à ela. Nossos estudantes precisam ser levados a olharem para essa questão, a entenderem a falha no sistema, a terem a compreensão de que não foi escolha de Lúcio não dominar a língua padrão - foi uma consequência.

Levar essa história para a sala de aula é, então, muito mais do que ensinar variação linguística, é falar de um Brasil profundo, um Brasil de que não ouvimos falar, mas que existe. Um Brasil de cidadãos cujos direitos são negligenciados, que nem sequer conhecem seus direitos; pessoas que, entre tantas violências que sofrem, o preconceito linguístico é mais uma.

Em *A gente combinamos de não morrer*, assim como na narrativa anterior, já temos, no título, uma variedade da língua que é estigmatizada, pois não se faz a concordância verbal entre “a gente” e “combinamos”. O próprio pronome “a gente” ainda é estigmatizado em alguns contextos comunicativos.

Quanto à narrativa, ela possibilita que os aprendizes reflitam sobre muitas questões sociais, como violência do Estado e exclusão social.

As personagens do conto, assim como muitos de nossos alunos, vivem em comunidades, em um local em que já se cristalizou no imaginário social que é lugar de criminosos. Além disso, a forma de falar delas é de uso de variedades estigmatizadas, sendo, pois, aquelas que mais sofrem preconceito linguístico.

Trata-se de uma história narrada em 1ª pessoa por três narradores diferentes; são três pessoas da mesma família, e cada uma vai narrando um pouco da sua história - todas marcadas pela violência.

Dessa forma, é possível abordar as variações diastrática e diatópica a partir das personagens desses dois contos, o que contribui para a melhor compreensão desses conceitos pelos educandos.

É importante que os educandos aprendam que reconhecer e respeitar a variação linguística não é deixar de aprender a norma padrão - por isso é que há também a variação estilística. O objetivo do ensino da variação é, então, levá-los a perceber a heterogeneidade linguística como uma característica positiva da nossa língua.

Nossos alunos precisam aprender - e por isso o enfoque na variação linguística não pode se dar apenas em momentos esporádicos - que a língua é instrumento de poder, que ao dominarem a variedade padrão, além de não precisarem abandonar as outras variedades, eles conseguirão produzir diferentes gêneros textuais e discursivos, poderão adequar a língua a diferentes contextos comunicativos e terão mais chances de alcançarem seus objetivos educacionais e profissionais.

E diferente do que ocorreu com as personagens dos contos estudados, eles não serão vítimas da exclusão social, de trabalhos análogos à escravidão e do tão tenaz e nocivo preconceito linguístico.

Portanto, nossa proposta pedagógica consiste em cinco momentos, a saber:

1º momento: Aula expositiva e dialogada sobre a variação linguística. Nesse primeiro dia de percurso formativo, é importante que os educandos relembrem que a língua é heterogênea, que há uma língua padrão, mas que ela não é a única, que o falante deve dispor de uma variedade linguística para cada situação comunicativa e quais são os tipos de variação.

2º momento: Roda de conversa sobre preconceito linguístico. Nessa aula, o professor deve discutir com os alunos o que é o preconceito linguístico, quando, como e por que ele acontece. Além disso, deve questionar os aprendizes se estes já foram vítimas e se já praticaram tal preconceito. Pode-se trazer para o debate também a falta de acesso à educação que muitas vezes os pais, avós, bisavós, etc., dos estudantes sofreram e que, consequentemente, fez com que eles não tivessem acesso à norma padrão e, portanto, provavelmente também tenham sofrido preconceito linguístico.

Caso haja possibilidade de usar um projetor, o educador pode mostrar casos reais de preconceito linguístico, especialmente nas redes sociais, espaço com o qual os alunos estão familiarizados.

Pode-se projetar os *memes* que viralizam em relação às pessoas que são flagradas falando errado, como foi o caso de uma participante do *Big Brother Brasil*, que dizia “truce” em vez de “trouxe”.

3º momento: Leitura dos contos: Nessa aula, o professor deve ler com os alunos os contos *Nóis mudemo* e *A gente combinamos de não morrer* - que são leituras curtas - e em seguida abrir um debate sobre as histórias, no intuito de refletir sobre os acontecimentos das narrativas. É importante que os educandos percebam que, tanto em uma história quanto na outra, as personagens que não falam de acordo com a norma padrão são pessoas de baixa escolaridade; são cidadãos vítimas da desigualdade social, da falta de acesso aos direitos básicos, pessoas invisibilizadas, marginalizadas e que o preconceito linguístico é mais uma violência a que elas são submetidas.

4º momento: Nessa aula, o professor pode propor aos alunos uma produção do gênero carta aberta, em que deverão se dirigir às pessoas que praticam preconceito linguístico. Esse será o momento em que os aprendizes colocarão em prática todo o conhecimento adquirido ao longo desse percurso formativo e que precisarão fazer uso da variação estilística, uma vez que o gênero impõe o uso formal da língua.

5º momento: Socialização das produções textuais. O professor deve pedir que aqueles que se sentirem à vontade, leiam sua carta aberta para a turma. Essa é uma forma de trabalhar a oralidade dos aprendizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivamos apresentar uma proposta didática de ensino da Variação Linguística por meio dos contos *Nóis mudemo* e *A gente combinamos de não morrer*. O estudo surgiu a partir de nossas inquietações em relação ao preconceito linguístico que, a despeito da heterogeneidade linguística brasileira, ainda é muito comum em nosso país e afeta principalmente os grupos minorizados, a exemplo das personagens das obras em estudo.

Percebemos que esse preconceito ainda é muito comum em razão da falha educacional de muitos brasileiros, que saem da escola com uma visão de língua homogênea, pura, invariável. Prova disso são os inúmeros casos de piadas que são

feitas, especialmente na *internet* e na televisão aberta, contra pessoas que falam/escrevem “errado”.

Dessa forma, sendo a escola uma das principais – e talvez a mais importante – instituições que ajudam a formar cidadãos, cabe a ela contribuir para a construção de uma sociedade sensível às diferenças, sejam elas étnicas, raciais, de classe, gênero e linguísticas.

Para isso é necessário que a variação linguística não seja abordada em momentos esporádicos, mas que seja trabalhada durante todo o ano letivo e ao longo de toda a educação básica, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

É necessário que nossos estudantes compreendam desde cedo que o preconceito linguístico, assim como todos os outros, é nocivo e pode trazer graves consequências a quem sofre, como aconteceu com o personagem Lúcio no conto *Nóis mudemo*.

Portanto, acreditamos que a proposta apresentada, se somada a outras ações em sala de aula, poderá contribuir de forma significativa para a formação de cidadãos que valorizem a heterogeneidade linguística e que não perpetuem estigmas e preconceitos arraigados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. Português do Brasil: herança colonial e diglossia. **Revista da FAEBA**, v. 15, p. 37-48, 2001. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/faeeba>. Acesso em: 16 set. 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemos na escola, e agora?** – sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 set. 2026.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seeb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 16 set. 2026.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/24444>. Acesso em: 16 set. 2026.

CYRANKA, Lúcia F. M. **Dos dialetos populares à variedade culta**: a Sociolinguística na escola. Curitiba: Appris, 2011.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/revistamosaico/article/view/444>. Acesso em: 16 set. 2026.

FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, Djane Antonucci. **A relevância social da linguística**: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>. Acesso em: 16 set. 2026.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>. Acesso em: 16 set. 2026.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: Conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura (2014). **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto.

OLIVEIRA, Luís Carlos De; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. **Revista Soletras**, n. 26, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/7392/7886>. Acesso em: 16 set. 2026.

SALOMÃO, A. N. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. In: **Revista Fórum Linguístico**, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 16 set. 2026.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **As palatais lateral e nasal no falar paraense**: uma análise variacionista e fonológica. Fortaleza: UFC, 2008.